

Entre o Enunciado Falso e os Mecanismos de Defesa: Contributo para a Expansão da Tabela de Bion

Catarina Rebelo Neves

Este artigo tem origem no trabalho desenvolvido na minha dissertação de mestrado¹, onde reflecto sobre a utilidade clínica de alguns dos conceitos da teoria de Wilfred Ruprecht Bion. Interessou-me, em particular, um instrumento desenvolvido por este autor – a Tabela (Bion 1977-1980) – para dar conta do desenvolvimento mental, que consiste num aumento da capacidade para perceber a realidade e numa diminuição da força das ilusões. Para tal, a Tabela deve ser capaz de registar o desenvolvimento, no sentido do acréscimo da capacidade para perceber a realidade, mas deve ser, de igual modo, capaz de registar a evolução no sentido inverso. Em síntese e segundo Rafael (2003), permitir o registo dos processos que bloqueiam o desenvolvimento ou que favorecem o aumento do poder inibitório das ilusões.

A construção da Tabela reflecte, além disso, a importância que Bion deu à procura de um maior grau de cientificidade para a psicanálise.

Na base desta preocupação, pode supor-se o entendimento que Bion tinha das teorias psicanalíticas, como sendo demasiado concre-

¹ 'Entre o Enunciado Falso e os Mecanismos de Defesa: Contributo para a Expansão da Tabela de Bion'. Mestrado em Psicologia Clínica do Desenvolvimento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. 2004.

tas e inflexíveis, ou demasiado abstractas e especulativas (Bion 1963). Foi sobre esta falha que o autor se debruçou para construir uma *grelha*, designação também usada para a *tabela*, onde inseriu os elementos enunciados por ele, como os elementos da psicanálise.

Sandler (1987) parece dar grande relevância ao termo utilizado por Bion para denominar o instrumento sobre o qual nos temos debruçado: o *grid*. Para além do termo original, este autor problematiza a sua tradução para *grelha*, mantendo, no entanto, o termo *grade* que encontramos noutros autores brasileiros, como Zimerman (1995) e Chuster (1999).

Em Portugal, Eduardo Sá (1991) utiliza o termo *grelha*, tal como o fazem, no mesmo ano, Amaral Dias et al. Contudo, Amaral Dias (1997) adopta o termo *tabela* e é sob essa designação que o seu conhecimento tem vindo a ser predominantemente difundido. Contudo, em 2003, Sá utiliza as expressões: *grelha* e *tábua biónica*, sem, porém, justificar a adopção destes termos.

Não me parece particularmente interessante um debate em torno da (in)adequação da terminologia. É claro que esta deve procurar uma maior acuidade, sob pena de uma dada palavra ou significante poder aprisionar o significado pretendido. No entanto, dada a forma como Bion apresenta este modelo ao longo de várias das suas obras, parece-me que, perante um possível desvirtuamento das suas intenções, a explicação para tal não se poderá reduzir à forma de denominação. Na língua portuguesa, o termo *tabela* surge-me como o mais apropriado, tanto mais que, em Portugal, também reconhecemos como tabela a arrumação dos elementos químicos feita por Mendelaiev e na qual Bion afirmou haver-se inspirado.

Quando, no presente texto, sou omissa relativamente à autoria da Tabela a que me refiro, falo da *Tabela revista e modificada por Amaral Dias (1997)*, pelos acréscimos que esta contém, sem, contudo, a desvirtuar.

Retomando Bion (1963), o próprio autor diz-nos que, ao nomear a existência de sete elementos fundamentais, tinha como objectivo encontrar um número restrito de elementos que, por si só, fossem capazes de expressar, com as respectivas combinações, quase todas as teorias essenciais ao trabalho do analista. Estes elementos têm em comum uma natureza, cujo enunciado teórico encerra o mínimo de particularização. As lacunas que tal facto possa acarretar são compensadas pela existência de modelos teóricos que permitem a necessária contextualização.

A *Tabela de Bion (1977-1980)* permitiria a classificação dos enunci-

ados verbais ou não verbais, sendo composta por oito linhas e sete colunas. O cruzamento destas cria cinquenta e seis células ou casas, das quais apenas trinta e quatro têm utilidade clínica.

A coluna 2 da Tabela permite a classificação dos enunciados falsos Y e foi nesta que o meu interesse se focou. Pensar o Enunciado falso e os porquês da sua hiper-presença na psicopatologia, e *não só*, foi algo que me foi colocado pela e na prática clínica. Saber como transformar aquilo que identifico como enunciado(s) falso(s), tanto no meu discurso como no discurso dos pacientes; saber como *trabalhá-lo(s)* no contexto analítico, atendendo à sua especificidade, fez surgir o interesse pelo estudo da estrutura do Ø.

Os mecanismos de defesa do *Ego* são um conceito fundamental na psicanálise. Os vários mecanismos de defesa fazem parte de alguns poucos conceitos cruciais à teoria psicanalítica, mesmo que não esteja presente e/ou não seja explicitado, por todos os autores, nem da mesma forma, nas várias escolas de pensamento. Existe um elevado nível de consenso sobre o significado dos diversos mecanismos de defesa, o que já não é possível dizer quanto ao lugar que estes ocupam no seio da teoria psicanalítica, o qual é variável, consoante a corrente ou escola de pensamento psicanalítico tida como referência. No trabalho desenvolvido aqui, os autores de referência foram Sigmund e Anna Freud (1946) e Jean Bergeret (1972).

Contudo, os mecanismos de defesa têm algo de estático, de mecânico, que contrasta com a realidade preconizada por Bion, que é uma realidade viva. Sendo os chamados *mecanismos* modos de regulação à realidade, parece-me que o conceito de Enunciado, como é apresentado também por Bion, será mais heurístico do que o de mecanismo, pois concebe também a dinâmica entre o sujeito e o objecto.

Propus-me expandir a *Tabela* de Bion através da articulação do *enunciado falso* com os *mecanismos de defesa*. Com este intuito, procedi a uma reflexão teórico-clínica sobre a vantagem clínica da utilização destes instrumentos: *enunciado falso* e *mecanismos de defesa* isolados como *corpores* teóricos.

É sabido que defesa é um termo genérico que engloba outros termos que designam defesas com qualidades específicas e que as diversas formas de defesas são, habitualmente, agrupadas na expressão *mecanismos de defesa*.

Os mecanismos defensivos constituem a resposta *egóica* ao conflito entre instâncias psíquicas – *Id*, *Ego* e *Super-Ego* – ou entre as instâncias e a realidade externa. A preferência por determinadas defe-

sas está associada a tipos de organização mental. As defesas actuam no sentido da diminuição ou da transformação da angústia.

Por sua vez, a coluna 2 da Tabela de Bion, a coluna dos *enunciados falsos*, é postulada por Bion (1963) como o resultado da resistência ao contacto com a verdade e/ou realidade. Os enunciados falsos têm por finalidade impedir a emergência da verdade, mas permitem, apesar de tudo, a formação do símbolo, o caminho para o pensamento e para a função simbólica através de *K*.

Relativamente à Tabela, utilizo o modelo proposto por Amaral Dias (2000) que divide a linha C da Tabela original de Bion em duas, para separar os Pensamentos oníricos e sonhos, dos Mitos; e acrescenta uma nova coluna, que passa a ser a 6, a coluna da Decisão; esta tabela é designada como a *Tabela de Bion revista e modificada por Amaral Dias*.

A operacionalização de uma investigação em que se enlaçam dois quadros teóricos distintos – a teoria clássica e o modelo bioniano – é, pela sua natureza, difícil. Foi utilizado o estudo de caso, por este permitir a produção de um conhecimento holístico e me interessar, como objecto(s) de estudo, o(s) funcionamento(s) dominante(s), ou seja, em cada um dos casos, os seus *invariantes*. Assim, procedi ao estudo de dois casos descritivos, não experimentais e transversais, e efectuei uma sobreposição de leituras, a freudiana e a bioniana, na investigação de ambos os casos clínicos, cada um deles representando um determinado modo de funcionamento: o neurótico e o psicótico.

Nesta investigação, procedi, então, à análise clínica das sessões, cuja selecção obedeceu ao requisito de evidenciar os mecanismos típicos destas estruturas de funcionamento, após ter utilizado a Escala de Diagnóstico Psicanalítico, modelo Kleiniano, *KPDS*, e aferido a pertença de cada um dos casos, respectivamente, à estrutura neurótica e à psicótica. Por análise clínica, referimo-me a uma análise dos mecanismos de defesa e a uma leitura clínica do mesmo material, com o auxílio da *Tabela revista e modificada por Amaral Dias*, abrindo um campo de tradução para a linguagem biónica dos mecanismos de defesa.

Em síntese, diria que elaborei uma proposta de expansão da Tabela, a partir de dois eixos: a relação de cada uma das estruturas – neurótica e psicótica – com o recalçamento e, por outro lado, a negação e as implicações da eficácia destes mecanismos com a verdade e a mentira.

Deste modo, centrei-me sobre a coluna 2 e, por inerência, sobre os conceitos de *verdade* e *mentira psíquica* que se relacionam com a

capacidade de a mente se manter, de persistir, na procura da verdade acerca de si própria e, neste sentido, a mentira é uma fuga à procura da verdade, devido a uma intolerância à dor mental inerente ao conhecimento de algo.

Num segundo eixo, estará o *recalcamento*, mecanismo que actua como garante de uma boa capacidade de procura da verdade; como a marca distintiva daqueles que a procuram. Este é o mecanismo que, por se estruturar na situação edipiana, está, necessariamente, ligado à estrutura neurótica.

O recalcamento pode ser definido como um processo activo, destinado a manter fora da consciência as representações inaceitáveis (Freud 1915). São as vicissitudes do recalcamento que organizam as diferentes formas de funcionamento neurótico, mas também é o recalcamento que permite a dupla representação da ideia, que constitui o que é próprio do inconsciente.

Distinguem-se três níveis, nos quais o recalcamento opera, ou três tempos constitutivos deste mecanismo: o recalcamento originário ou primário; o recalcamento propriamente dito ou recalcamento *a posteriori*; e o retorno do recalcado nas formações do inconsciente. Podemos pensar num processo dinâmico em três tempos: *recalcamento originário*, em que o recalcamento se exerce sobre o representante da pulsão e não sobre a própria pulsão; *recalcamento propriamente dito ou posterior* que incide sobre os derivados psíquicos da representação recalcada, o que organiza a repetição do acto, à medida, como um terceiro momento, do *retorno do recalcado nas formações do inconsciente* (Le Guen 1985).

Por sua vez, na psicose, como a *negação* não se dá ou não é bem sucedida, há uma falha da nomeação e do processo simbólico e tendo a *negação* como o mecanismo de defesa organizador do psiquismo nas estruturas psicóticas, pode dizer-se que nestas estruturas, no lugar do enunciado falso, surge uma *mentira mental* e não um *enunciado falso propriamente dito*.

A negação é o mecanismo graças ao qual o sujeito recusa toda a implicação pessoal, em relação a um representante pulsional embaçoso que surge na consciência (Freud 1925). Este mecanismo distingue-se quer da anulação, quer da denegação. Trata de eliminar uma representação incómoda, não apagando (anulação) ou recusando reconhecê-la como pertencendo-lhe (denegação), mas recusando a própria realidade da percepção ligada a essa representação.

Deste modo, diria que se considera como *enunciado falso* um enunciado que é proferido por alguém que não tem acesso à verdade, en-

quanto que o *enunciado mentiroso* é um enunciado proferido por alguém que percebeu a verdade e a alterou.

A investigação realizada partiu da observação em Pedro dos mecanismos de defesa classicamente descritos como neuróticos, resultantes da falha do *recalcamento* e, em Mónica, dos mecanismos classicamente descritos como psicóticos, resultantes da falha da *negação*.

Pedro, 29 anos, revelou um modo de funcionamento predominantemente neurótico, confirmado pela escala *KPDS*. Neste paciente, observei uma utilização preferencial dos seguintes mecanismos de defesa: recalcamento, deslocamento, isolamento do afecto, evitamento, idealização e formação reactiva. Verifiquei que a qualidade dos mecanismos de defesa presentes lhe permitiu a evolução, no sentido da compreensão do seu próprio funcionamento mental (percurso para *K*). O recalcamento permitiu a colocação de outros objectos (objectos substituíveis) no lugar do Édipo ausente (reprimido).

Mónica, 29 anos, apresenta um modo de funcionamento predominantemente psicótico, confirmado pela escala *KPDS*. Neste caso, observei uma utilização preferencial dos mecanismos de defesa: clivagem, identificação projectiva patológica, denegação e desmentido da realidade. Constatei que a qualidade dos mecanismos de defesa presentes em Mónica não lhe permitem a evolução, no sentido da compreensão do seu próprio funcionamento mental ($-K$). O desmentido provoca uma perturbação profunda na relação com a realidade.

Nas análises efectuadas, pude observar que os mecanismos de defesa podem ser contidos na coluna 2, ou seja, são *enunciados falsos*, e que o neurótico está condenado à liberdade indagatória, enquanto o psicótico não acede à indagação, em virtude da intolerância à dor mental inerente à *notação* e à *atenção*.

Em consequência disto, poderei afirmar que a profundidade da defesa só pode ser apreendida, através da espessura do *enunciado falso*, logo, quanto mais primitiva for uma defesa, tanto mais se encontra do lado da *mentira mental*; quanto mais elaborada e transformativa for, mais próxima fica do *enunciado falso propriamente dito*.

Considero que o *enunciado falso* contém um potencial transformativo que determina o maior ou menor diferencial para *O* e o percurso em *K*. Os mecanismos que resultam da *negação* e do *recalcamento* permitem o desenvolvimento do simbólico, do pensamento e do espaço para pensar, mas tais mecanismos não permitem *O*. As capacidades de *negação* e de *recalcamento* introduzem o sujeito numa área potencialmente *K*; a ausência destes mecanismos introduzem o sujeito numa área $-K$.

Neste sentido, considero Pedro como um paradigma dos sujeitos que são capazes de, a partir do *enunciado falso*, percorrer um caminho e Mónica como paradigma dos sujeitos que não são capazes senão da *mentira mental*. Vejo aqui a *negação* e o *recalcamento* como os pontos operativos da Tabela e, neste sentido, se a negação e o recalcamento falham, a coluna 2 caminha para a *mentira mental*, impeditiva da transformação; se estes mecanismos não falham, então, a mente caminha para o *enunciado falso propriamente dito*.

A diferenciação a que cheguei permitirá também *pensar* o seu *desdobramento* para as colunas onde a mente do analista deverá ou não se encontrar, ou dito por outras palavras, que pode aceder à área do *enunciado falso propriamente dito*, ficando-lhe só vedado o acesso à área da *mentira mental*, em vez de a toda a coluna dos *enunciados falsos*, como Bion (1965) preconiza.

Neste artigo, optei por apresentar as ideias centrais da minha dissertação, em detrimento do material clínico propriamente dito, a partir do qual esta emergiu e com o qual illustrei duas formas de pensar e praticar a psicanálise, de acordo com a concepção apresentada por Amaral Dias (2003) e que preconiza a existência de dois tipos de funcionamento mental: os pacientes que têm personalidade e fazem análise para a desenvolver - Caso Pedro - e os pacientes que fazem análise para desenvolver uma personalidade - Caso Mónica.

Além disso, ao *pensar* a possibilidade de aplicação da diferenciação à qual cheguei – a diferenciação entre *enunciado falso propriamente dito* e *mentira mental* que subdivide a coluna do enunciado falso em duas – alarguei a expansão da *Tabela* - à(s) área(s) em que a mente de analista se *pode* encontrar.

Bion havia concebido a Tabela como um instrumento para ser utilizado na clínica psicanalítica, mas que não devia ser usado durante as sessões (Bion 1977). O autor propõe o seu uso, essencialmente, entre as sessões de análise, como forma de *notação* da actividade mental, quer do analista quer do analisando.

Para o analista, a classificação dos seus próprios enunciados possibilitará uma outra forma – talvez a partir de um *vertex* ainda não pensado – de reflectir sobre si próprio, o que poderá propiciar um aumento de *insight* sobre a sua prática clínica. Nesta medida, aumentar a capacidade do analista de tomar consciência das características subjacentes às suas intervenções contribuirá para o desenvolvimento pretendido da sua intuição clínica. Sandler (2005) é incisivo ao afirmar que a existência de enunciados falsos no discurso do analista é indicador da necessidade de mais análise para o próprio.

A proposta de Bion é no sentido de o analista desenvolver *um estado de espírito composto por: ausência de memória, desejo e (necessidade de) compreensão, mas com fé* (Bion, 1970). Na perspectiva de um instrumento de avaliação da qualidade da intervenção, a Tabela pode prestar um precioso auxílio ao analista, que, ao especular sobre a verdade do paciente, estimula-se a pensar nele como uma personalidade dinâmica e, assim, dirige o seu interesse para aquilo que não sabe, em vez de perpetuar a contemplação daquilo que já sabe.

A classificação dos enunciados do paciente permite, ainda, reflectir sobre a gravidade da perturbação apresentada e conjecturar hipóteses de evolução. O analista pode, em concomitância, observar os movimentos realizados pela mente do paciente ao longo da sessão, assim como pode observar os momentos em que a parte psicótica da sua personalidade está em funcionamento e as alturas em que a parte não-psicótica domina a actividade da mente.

As informações obtidas, através das classificações com base na Tabela de Bion, são relevantes, não tanto por permitirem situar um paciente num registo mais psicótico ou mais neurótico, mas principalmente por permitirem observar as circunstâncias em que a mente tende a funcionar nesse registo mais psicótico ou mais neurótico. A partir daqui, a dinâmica de funcionamento da mente do paciente pode ainda ser posta em confronto com a dinâmica de funcionamento da mente do analista. A informação facultada pelo cruzamento destas duas vertentes (paciente/analista) será de grande riqueza, pois permite observar o verdadeiro objecto da psicanálise – a relação que se estabelece entre analisando e analista, quando ambas as mentes investigam os conteúdos mentais de um deles, o analisando.

Uma das linhas de investigação em aberto será a que pode conduzir o analista a encontrar padrões de funcionamento que permitam tipificar determinadas patologias. É ainda possível ao analista, a partir da análise da classificação feita, observar os seus próprios padrões de funcionamento, perante determinado paciente e/ou perante determinados tipos de pacientes ou modalidades de funcionamento mental.

O analista também pode observar, através da utilização da Tabela, o efeito que as suas interpretações tiveram sobre o analisando, bem como o efeito das intervenções do analisando sobre a própria mente do psicanalista e a sua capacidade de analisar.

No seguimento do que foi dito, é lícito afirmar que, se devidamente utilizada, a Tabela pode ser um instrumento valioso para o analista, por diferentes razões. A um nível microscópico, na medida em que pode ser um auxiliar do seu processo de aperfeiçoamento da in-

tuição, com reflexos na sua prática clínica. E, por outro lado, a um nível macroscópico, na medida em que a Tabela é um instrumento ao serviço da investigação psicanalítica.

Contudo, o próprio Bion (1977) alertou para alguns perigos da sua incorrecta utilização. Em coerência com os princípios psicanalíticos, o que se pode dizer sobre o possível valor do instrumento em si é que, aquém e além deste, prevalece a forma como o instrumento é utilizado, sendo esta forma de utilização aquilo que, em última análise, dita a prevalência dos benefícios ou malefícios do uso da Tabela. Sobre os benefícios, podemos acrescentar que, para mim, a sua correcta utilização favorecerá o desenvolvimento de conjecturas especulativas.

No entanto, alguns dos malefícios da sua incorrecta utilização podem chegar a constituir-se como um obstáculo à execução da técnica psicanalítica. Nomeadamente, se o analista desenvolver teorias demasiado precisas sobre um dado paciente e transpô-las para a sessão, colocando-se numa posição em que aguarda que o paciente forneça o material para uma interpretação preparada. Neste ponto, o analista já não está a investigar as perturbações do paciente. Se assim suceder, esteja ou não a ser utilizada a Tabela, deixa de ser possível sustentar estar-se diante de uma prática analítica.

REFERÊNCIAS

- Bergeret, J. (ed.)
1998 [1972] *Psicologia Patológica: Teórica e Clínica*. Tradução de Ana Domingues. Lisboa: Climepsi.
- Bion, W.R.
1997 [1962] *Aprendiendo de la Experiencia*. Tradução de Haydeé B. Fernández. Barcelona: Paidós.
- 1991 [1963] *Elementos em Psicanálise*. Tradução de Paulo Dias Corrêa Rio de Janeiro: Imago.
- 1991 [1965] *As transformações: A Mudança do Aprender para o Crescer*. Tradução de Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R.
1991 [1970] *A Atenção e Interpretação: O Acesso Científico à Intuição em Psicanálise e Grupos*. Tradução de

- Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago.
 1982 [1977-1980] *La Tabla y la Cesura - Bion en Nueva York y San Paulo*. Tradução de Stella Abreu. Buenos Aires: Gedisa.
- Chuster, A.
 1999 *Novas Leituras: Dos Modelos Científicos aos Princípios Ético-Estéticos, vol. I: parte teórica / W.R. Bion*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Dias, C. Amaral
 1997 *Tabela para uma Nebulosa*. Lisboa: Fim de Século.
 2003 *Modelos de Interpretação em Psicanálise*. Lisboa: Almedina.
- Freud, A.
 1961 [1946] *El Yo y los Mecanismos de Defensa*. Barcelona: Paidós.
- Freud, S.
 1969-89 [1915]. *Repressão*. Edição *Eletrônica* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, CD-ROM (1969-80). Rio de Janeiro: Imago.
 1969-80 [1925] *A Negação*. Edição *Eletrônica* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, CD-ROM (1969-80). Rio de Janeiro: Imago.
- Le Guen, C. (ed.)
 1985 *Le Refoulement*. Quarante-Cinquième Congrès des Psychanalystes de Langue Française des Pays Romains. Paris: Société Psychanalytique de Paris.
- Rafael, E. L.
 2003 *Dictionary of the Work of Wilfred R. Bion*. Londres: Karnac.
- Sandler, P.C.
 1987 'Grade?' *Revista Brasileira de Psicanálise* 21. pp.203-29.
 2005 *The Language of Bio.: A Dictionary of Concepts*. Londres: Karnac.
- Sá, E.
 1991 'A Psicose na Criança'. Dissertação de Doutorado. Universidade de Coimbra.
 2003 *Textos com Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século.
- Zimerman, D. E.
 1995 *Bion: Da Teoria à Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Entre o Enunciado Falso e os Mecanismos de Defesa: Contributo para a Expansão da Tabela de Bion

Between the False Enunciation and the Defence Mechanisms: Contribution to the Expansion of the Table of Bion

Sumário

Summary

O contributo para a expansão da Tabela de Bion, neste artigo, consiste na proposta de expansão desta Tabela para um campo n-dimensional, gerado pela multi-significação do enunciado falso e alicerçado em dois eixos fundamentais: a negação e o recalçamento.

A investigação clínica desta natureza é de difícil operacionalização, uma vez que se enlaçam dois quadros teóricos distintos: o freudiano e o bioniano. A autora procede, assim, ao estudo de dois casos descritivos, não experimentais e transversais, tendo, como objecto(s) de estudo, o(s) funcionamento(s) dominante(s), ou seja, em cada um dos casos, os seus *invariantes*.

Com este objectivo, é efectuada uma sobreposição das leituras freudiana e bioniana, na investigação de ambos os casos clínicos, cada um deles representando um determinado modo de funcionamento: o neurótico e o psicótico. As sessões foram sujeitas à análise clínica de conteúdo. Procedeu-se à análise dos mecanismos de defesa e a uma leitura clínica do mesmo material, com o auxílio da *Tabela revista e modificada por Amaral Dias* (1997). O objectivo desta análise é abrir um campo de tradução para a linguagem biónica dos mecanismos de defesa. A autora chega, assim, à diferenciação entre o *enunciado falso propriamente dito* e a *mentira mental*.

The contribution to the expansion of the Table of Bion, presented in this article, consists in the proposal of the expansion of the Table to an n-dimensional field generated by the multi-significance of the false enunciation and consolidated on two fundamental main points: the negation and the repression. A clinical research of this nature is difficult to carry out, given that two distinct theoretical patterns are entwined in it: the Freudian and the Bionian. Thus the author studies two descriptive cases, which are non-experimental and non-transversal, concerning the dominant functioning(s) and their unchangeablenesses. The research of both clinical cases overlaps the Freudian and the Bionian readings, each one of them representing a specific way of functioning: the neurotic and the psychotic. The clinical sessions were subject to the clinical contents analysis. On the other hand, the analysis of the mechanisms of defence and the clinical reading of the same material are carried out with the help of the *revised and modified Table by Amaral Dias* (1997). The aim is to open a field of translation for the Bionic language on the mechanism of defence. In conclusion, the author comes to the differentiation between the false enunciation in itself and the mental lie.